

O que
Alice
esqueceu

Liane Moriarty

O que
Alice
esqueceu

TRADUÇÃO DE
Julia Romeu



Copyright © Liane Moriarty, 2009

TÍTULO ORIGINAL
What Alice Forgot

REVISÃO
Raphani Margiotta
Juliana Pitanga

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Sarah Oberrender

FOTO
Dandelion in the wind © Buena Vista Images | Getty Images (RF - 200194596-001)

ADAPTAÇÃO
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M849q

Moriarty, Liane, 1966-

O que Alice esqueceu / Liane Moriarty ; tradução Julia Romeu. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

416 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: What Alice forgot
ISBN: 978-85-510-0346-6

1. Ficção americana. I. Romeu, Julia. II. Título.

18-49269

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Adam

UM

Ela estava flutuando com os braços abertos e a água batendo no corpo, sentindo um cheiro típico do verão: uma mistura de sal e coco. Havia um gosto agradável em sua boca, uma sensação boa de saciedade, de quem tomara café, comera bacon e, possivelmente, croissants. Ela ergueu o queixo e o sol da manhã brilhou com tanta força na água que foi preciso semicerrar os olhos para enxergar seus pés à frente por entre os raios de luz. Tinha as unhas pintadas uma de cada cor. Vermelho. Dourado. Roxo. Que engraçado. Não havia passado o esmalte direito. Estava borrado e com bolinhas. Alguém boiava na água bem perto dela. Alguém de quem ela gostava muito, que a fazia rir, e estava com as unhas dos pés pintadas do mesmo jeito. A outra pessoa mexeu amistosamente os pés multicoloridos e ela sentiu uma preguiça gostosa. A certa distância, uma voz masculina gritou “Marco?” e um coro de vozes infantis respondeu “Polo!”. O homem repetiu “Marco, Marco, Marco?” e as vozes responderam “Polo, Polo, Polo!”. Uma criança riu; uma risadinha demorada e borbulhenta, feito uma cascata de bolhas de sabão. Uma voz baixa e insistente soou em

seu ouvido: “Alice?” Ela inclinou a cabeça para trás e deixou a água fresca escorrer pelo rosto.

Pontos minúsculos de luz se mexeram diante dos seus olhos.

Era um sonho ou uma lembrança?

— Não sei! — disse uma voz assustada. — Não vi quando aconteceu!

Não precisa ficar histérica.

O sonho, a lembrança ou o que quer que fosse se dissolveu e desapareceu como um reflexo na água. Em seu lugar, pensamentos fragmentados começaram a surgir, como se ela estivesse acordando de um sono longo e profundo num domingo de manhã.

Cream cheese é considerado um queijo mole?

Bom, não é um queijo duro.

Não é...

...nem um pouco duro.

Então, claro, você acha que...

...sei lá.

Qualquer coisa lógica.

Lavandas são lindas.

Claro que são.

Preciso aparar as lavandas!

Estou sentindo o cheiro delas.

Não estou, não.

Estou, sim.

Nesse instante ela se deu conta da dor que sentia na cabeça. Um dos lados doía muito, como se alguém tivesse lhe dado uma bela pancada com um martelo.

Seus pensamentos ficaram mais claros. Que diabo era aquela dor na cabeça? Ninguém tinha comentado nada sobre dor de cabeça. Ela havia feito uma lista completa com os sintomas peculiares para os quais deveria se preparar: azia, gosto metálico na boca, tontura, fadiga extrema. Mas nunca ouvira falar de uma dor pulsante na lateral da cabeça. Alguém deveria ter mencionado, porque doía muito. Mas claro que, se ela nem ao menos conseguia aguentar uma dorzinha de cabeça *de nada*, então...

O cheiro de lavanda parecia ir e vir feito uma brisa suave.

Ela relaxou.

A melhor coisa a fazer seria dormir de novo e voltar para aquele lindo sonho com água e unhas multicoloridas.

Na verdade, talvez alguém tenha mencionado dores de cabeça e se esquecido de... Isso mesmo! Dores de cabeça, claro! Horríveis. Ótimo.

Tanta coisa para lembrar. Nada de queijos moles, nem salmão defumado, nem sushi, por causa do risco de uma doença que ela nem sabia que existia: listeriose. Tinha a ver com alguma bactéria. Faz mal para o bebê. Por isso, não se deve comer as sobras na geladeira. Uma mordida na coxinha de galinha guardada na geladeira podia matar o bebê. As responsabilidades de ser mãe eram mesmo brutais.

Por enquanto, ela ia voltar a dormir, só isso. Era a melhor coisa a fazer.

Listeriose.

Glisteriose.

Glicínia.

A glicínia na cerca lateral vai ficar linda se florescer.

Listeriose, glicínia.

Rá. Que palavras engraçadas.

Sorriu, mas na verdade sua cabeça doía muito. Ela estava tentando ser corajosa.

— Alice? Está me ouvindo?

O cheiro de lavanda se intensificou. Era um pouco enjoativo.

Cream cheese é parecido com requeijão. Não é mole nem duro demais. É na medida certa. Que nem a cama do ursinho menor, na história da Cachinhos Dourados.

— Os cílios dela estão se mexendo. Como se estivesse sonhando.

Não adiantava. Ela não conseguia voltar a dormir, por mais que se sentisse exausta, capaz de dormir para sempre. Todas as grávidas andavam por aí com dores de cabeça como aquela? Será que o intuito era deixá-las mais preparadas para as dores do parto? Quando saísse da cama, ia dar uma olhada em um dos livros sobre gravidez.

Ela sempre esquecia como a dor era uma coisa incômoda. Cruel. De magoar mesmo. A gente só quer que passe, por favor, agora mesmo. O negócio era contar com a anestesia. Uma anestesia para minha dor de cabeça, por favor. Obrigada.

— Alice, tente abrir os olhos.

Será que cream cheese era considerado queijo? Ninguém servia colherada de cream cheese numa tábua de queijos. Talvez cheese não significasse queijo no contexto do cream cheese. Ela não ia perguntar ao médico, porque podia ser um daqueles erros que fazia todo mundo dizer: “Ai, Alice!”

Não conseguia encontrar uma posição confortável. O colchão parecia de concreto. Se ela se esticasse até o outro lado, conseguiria cutucar Nick com o pé, até que ele a puxasse, ainda dormindo, para perto e lhe desse um abraço de urso. Ele era sua bolsa de água quente em forma humana.

Onde estava Nick? Será que já tinha se levantado? Talvez estivesse preparando um chá para ela.

— Não tente se mexer, Alice. Fique parada e abra os olhos, querida.

Elisabeth ia descobrir a resposta para a questão do cream cheese. Ia dar uma daquelas risadas sarcásticas de irmã mais velha e ser bem precisa. Mamãe não teria a menor ideia. Ficaria apavorada. Diria: “Ah, não, imagina! Com certeza comi queijo mole quando estava grávida de você e da sua irmã. Não tínhamos essas informações naquela época.” Ia falar sem parar, com medo de que Alice tivesse violado alguma regra. Mamãe acreditava em regras. Alice também, na verdade. Frannie não saberia, mas ficaria toda orgulhosa ao pesquisar em seu computador novo, assim como antigamente ficava orgulhosa ao ajudar Alice e Elisabeth a encontrar informações na Enciclopédia Britânica para os trabalhos da escola.

Sua cabeça estava doendo muito mesmo.

E olha que aquela dor devia ser um milésimo da dor do parto. Que maravilha.

Mas ela não tinha comido nada com cream cheese. Pelo menos, não que lembrasse.

— Alice? *Alice!*

Ela nem gostava muito de cream cheese.

— Alguém chamou uma ambulância?

Lá veio aquele cheiro de lavanda de novo.

Certa vez, enquanto eles soltavam o cinto de segurança, Nick dissera (em resposta a algum comentário carente dela), com a mão na maçaneta da porta do carro: “Não seja ridícula, sua boba, você sabe que sou louco por você.”

Ela havia aberto o carro, sentido o sol nas pernas e o cheiro da lavanda que tinha plantado perto da porta de entrada.

Louco por ela.

Foi um momento de êxtase com aroma de lavanda quando eles estavam voltando do supermercado.

— Está chegando. Liguei para a emergência pela primeira vez na vida! Fiquei toda tímida. Quase disquei 911, como se fosse americana. Cheguei a digitar o nove. Isso é prova de que vejo televisão demais.

— Tomara que, tipo, não seja nada sério. Quer dizer, ninguém vai me processar nem nada, vai? Minha coreografia não era tão difícil assim, era?

— Acho que a última pirueta é um pouco exagerada, porque a gente já está tonta de virar para a esquerda depois de levantar a perna duas vezes.

— Mas é uma turma avançada! As pessoas reclamam quando é muito fácil. Eu dou *opções*. Tem para todos os gostos. Cara, o povo reclama de tudo o que eu faço.

Será que estava escutando o rádio? Ela detestava esses programas de rádio em que os ouvintes ligavam para conversar. Eles eram chatos e tinham uma voz muito anasalada. E sempre ficavam impressionados com alguma coisa. Certa vez, Alice dissera que nunca tinha se impressionado com nada. Elisabeth respondera que isso sim era impressionante.

Ela manteve os olhos fechados e disse em voz alta:

— Você ligou o rádio, Nick? Acho que estou com dor de cabeça.

Soou impaciente, o que nunca acontecia, mas, afinal, ela estava *grávida*, com dor de cabeça, frio, e se sentindo meio... esquisita.

Será que aquilo era o tal enjoo matinal?

Será que estava de manhã?

Ai, Alice!

— Alice, você está me ouvindo? Está me ouvindo, Alice?

Passinha, você está me ouvindo? Está me ouvindo, Passinha?

Todas as noites, antes de irem dormir, Nick encostava um rolo de papel higiênico na barriga de Alice para conversar com o bebê. Tirara essa ideia de um programa de rádio. Eles disseram que assim o bebê ia passar a reconhecer a voz do pai, além da voz da mãe.

“Atenção!”, dizia ele. “Está me ouvindo, Passinha? Aqui é seu pai falando!”

Eles tinham lido que o bebê estava do tamanho de uma uva-passa. Por isso, começaram a chamá-lo de Passinha. Mas só quando estavam sozinhos, claro, pois eram futuros pais blasé. Nada de sentimentalismo em público.

Passinha dizia ao papai que estava bem, obrigado, um pouco entediado às vezes, mas bem. Aparentemente, queria que a mãe parasse de comer aquelas coisas verdes horríveis e pedisse uma pizza, para variar. “Chega de comida de coelho!”, exigia.

Passinha, quase com certeza, era menino. Era um bebê de personalidade masculina. Danadinho. Ela e Nick concordavam nisso.

Nessas ocasiões, Alice se recostava e ficava observando o topo da cabeça de Nick. Ele tinha alguns fios de cabelo grisalho. Ela não sabia se Nick tinha reparado, por isso não comentava. Ele estava com trinta e dois anos. Aqueles fios brancos lhe deixavam com os olhos cheios d’água. Culpa dos hormônios malucos da gravidez.

Alice nunca conversava em voz alta com o bebê. Falava com ele em pensamento, de forma tímida, quando estava na banheira. (E a água não podia ser quente demais. Eram muitas regras mesmo.) *Oi, bebê*, pensava ela. Em seguida ficava tão maravilhada com a situação que fazia ondas na água com as palmas das mãos viradas para baixo, alegre feito uma criança à espera do Natal. Alice ia fazer trinta anos em breve, tinha pedido um empréstimo assustador para comprar a casa, estava casada e com um filho a caminho, no entanto se sentia mais ou menos a mesma pessoa desde os quinze.

Só que quando tinha quinze anos ela não ficava em êxtase depois de ir ao supermercado. Ainda não tinha conhecido Nick. Seu coração teria que ser partido algumas vezes antes de ele aparecer e colá-lo de forma definitiva com expressões como “louco por você”.

— Alice? Você está bem? Por favor, abra os olhos.

Era uma voz feminina. Alta e estridente demais para ser ignorada. Arrastava Alice para um estado de consciência, recusando-se a deixá-la em paz.

Uma voz que fez Alice sentir uma irritação familiar, como a que sentimos ao vestir uma meia-calça apertada demais.

Aquela pessoa não devia estar no seu quarto.

Ela virou a cabeça para o lado.

— *Ai!* — disse.

Abriu os olhos.

Viu um borrão de cores e formas irreconhecíveis. Não conseguia enxergar a mesa de cabeceira, onde deixara seus óculos. Sua visão devia estar piorando.

Alice piscou sem parar e, então, como se alguma pessoa tivesse ajustado um telescópio, tudo ficou em foco. Ela estava olhando para os joelhos de alguém. Que engraçado.

Joelhos brancos e ossudos.

Alice ergueu o queixo alguns milímetros.

— Até que enfim você acordou!

Por mais estranho que fosse, era Jane Turner, uma colega de trabalho, ajoelhada ao seu lado. Jane estava com o rosto vermelho e mechas de cabelo suado grudadas na testa. Parecia abatida. Pela primeira vez, Alice reparou que o pescoço dela era gorducho e pelancudo. Usava uma camiseta com imensas manchas de suor e um short. Seus braços eram finos, brancos e com pintinhas escuras. Alice nunca tinha visto o corpo de Jane tão à mostra. Que vergonha. Coitadinha.

— Listeriose, glicínia — disse Alice, querendo ser engraçada.

— Você está delirando — respondeu Jane. — Não tente se sentar.

— Aff — resmungou Alice. — Não quero me sentar.

Ela teve a impressão de que não estava na cama. Parecia que suas costas se apoiavam em um piso encerado. Será que tinha bebido? Será que se esquecera de que estava grávida e *caíra de bêbada*?

Seu obstetra era um homem refinado que usava gravata-borboleta e seu rosto redondo tinha uma semelhança desconcertante com o de um dos ex-namorados dela. Ele falara que não se incomodava com “digamos, um *apéritif* seguido de uma taça de vinho no jantar”. Alice achara que *apéritif* era um drinque específico (“Ai, Alice!”, dissera Elisabeth ao saber disso). Nick então explicou que *apéritif* era um drinque tomado antes do jantar. Ele vinha de uma família que tomava *apéritif*. Já Alice vinha de uma família que tinha apenas uma garrafa empoeirada de Baileys guardada esperançosamente no fundo da despensa, atrás do espaguete enlatado. Apesar do que o obstetra dissera, ela só havia bebido meia taça de champanhe desde que fizera o teste de gravidez e se sentia culpada, por mais que todo mundo dissesse que não tinha problema.

— Onde estou? — perguntou Alice, morrendo de medo de ouvir a resposta. Será que estava em alguma boate sórdida? Como ia explicar para Nick que tinha se esquecido de que estava grávida?

— Na academia — respondeu Jane. — Você caiu e desmaiou. Quase morri do coração, apesar de ter ficado feliz por arranjar uma desculpa para interromper a aula.

Na academia? Alice não frequentava academia nenhuma. Será que tinha acordado *bêbada* numa *academia*?

— Você se desequilibrou — disse uma voz aguda e alegre. — Foi o maior tombo! Quase matou todo mundo de susto, sua desengonçada! A gente chamou uma ambulância, então não precisa se preocupar. Eles estão chegando!

Ajoelhada ao lado de Jane estava uma menina magra de pele cor de café e o cabelo descolorido preso num rabo de cavalo. Ela usava um short de lycra brilhante e um top vermelho com as palavras “Step Crazy” na frente. Alice sentiu uma antipatia instantânea por ela. Não gostava que a chamassem de desengonçada. Ofendia sua dignidade. Um dos defeitos de Alice, de acordo com sua irmã Elisabeth, era a tendência a se levar a sério demais.

— Eu desmaiei? — perguntou Alice, torcendo para que fosse isso.

Grávidas desmaiavam. Ela nunca tinha desmaiado, apesar de ter passado a maior parte do quarto ano praticando na escola, na esperança de ser uma daquelas meninas sortudas que desmaiavam durante a missa e tinham que sair carregadas pelos braços musculosos do professor de Educação Física, o Sr. Gillespie.

— É que estou *grávida* — justificou Alice.

Aquela menina ia aprender a não chamá-la de desengonçada.

A boca de Jane se escancarou.

— Mentira, Alice!

A tal menina do Step Crazy exibiu um bico, como se tivesse flagrado Alice fazendo alguma besteira.

— Ah, querida, perguntei no início da aula se alguma de vocês estava grávida. Você devia ter falado. Eu teria sugerido certas mudanças no exercício.

A cabeça de Alice estava latejando. Todo mundo ali só dizia coisas sem sentido.

— Grávida — disse Jane. — Logo agora. Que desastre.

— Desastre nada.

Alice pôs uma mão protetora na barriga, para que Passinha não ouvisse e ficasse ofendido. A situação financeira deles não era da conta de Jane. O correto era as pessoas ficarem animadas quando você anunciava uma gravidez.

— O que você vai *fazer*? — perguntou Jane.

Pelo amor de Deus!

— Como assim, o que vou fazer? Vou ter um bebê! — respondeu Alice, fungando. — Você está com cheiro de lavanda. Eu sabia que estava sentindo cheiro de lavanda.

O olfato dela andava muito aguçado por causa da gravidez.

— É meu desodorante.

Jane estava mesmo esquisita. Seus olhos pareciam diferentes. Dava para notar. Seria bom ela usar algum creme antirrugas.

— Tudo bem com você, Jane?

Ela deu uma risada sarcástica.

— Estou ótima. Você é que me preocupa, mulher. Não sou eu que estou grávida e desmaiando por aí.

O bebê! Alice, muito egoísta, estava pensando só na própria cabeça, sendo que devia estar preocupada com o coitado do Passinha. Seria uma péssima mãe.

— Espero não ter machucado o bebê quando caí — disse ela.

— Ah, não é fácil machucar um bebê. Não se preocupe.

Era a voz de outra mulher. Pela primeira vez, Alice ergueu a cabeça e se deu conta de que estava cercada por uma multidão de mulheres de meia-idade com roupas de ginástica e o rosto vermelho. Algumas estavam inclinadas para a frente, olhando para ela com o interesse ávido de quem observa um acidente na estrada, enquanto outras apoiavam as mãos no quadril e conversavam como se estivessem numa festa. A sala era comprida e iluminada por lâmpadas fluorescentes. Ela ouviu uma música estridente ao longe, o som de metal batendo e uma súbita gargalhada masculina.

— Mas você não devia estar fazendo exercício de alto impacto se está grávida — disse outra mulher.

— Mas não faço exercício *nenhum* — afirmou Alice. — Eu devia fazer mais.

— É impossível você fazer mais exercício, menina — retrucou Jane.

— Não sei do que você está falando.

Alice olhou para os rostos estranhos ao redor. Aquela situação era tão... estúpida.

— Não sei onde estou — disse ela.

— Deve ter sofrido uma concussão — afirmou uma mulher animada. — Pessoas que sofrem concussão ficam zonzas e desorientadas.

— Iiiih, chegou a doutora!

— Acabei de fazer um curso de primeiros socorros na escola das crianças. Eu me lembro dessas palavras: zonzas e desorientadas. Tem que ver se não houve compressão do cérebro. Isso é muito perigoso.

A menina do Step Crazy ficou assustada e acariciou o braço de Alice.

— Ah, querida, VOCÊ PODE TER SOFRIDO UMA CONCUSSÃO.

— É, mas acho que isso não causa surdez — disse Jane, irritada, baixando a voz e inclinando a cabeça na direção de Alice. — Está tudo bem. Você está na academia. Estava fazendo sua aula de step de sexta, para a qual você vivia querendo me arrastar, lembra? Na verdade, não adorei tanto assim. Enfim, você levou um tremendo tombo e bateu a cabeça, só isso. Vai ficar tudo bem. O mais importante é: por que não me contou que estava grávida?

— O que é uma aula de step de sexta? — perguntou Alice.

— Ai, meu Deus, isso é mau sinal! — exclamou Jane, exaltada.

— A ambulância chegou! — disse alguém.

A menina do Step Crazy ficou aliviada. Ela se levantou num pulo e gritou com as mulheres como se fosse uma dona de casa cheia de energia com a vassoura em mãos.

— Muito bem, pessoal, vamos abrir espaço!

Jane continuou ajoelhada no chão ao lado de Alice, dando-lhe tapinhas distraídos no ombro. De repente parou.

— Ah, olha! Por que você sempre se dá bem?

Alice virou a cabeça e viu dois homens bonitos de macacão azul vindo a passos largos na direção delas, com kits de primeiros socorros nas mãos. Morrendo de vergonha, ela fez um esforço para se sentar.

— Fique no chão, meu bem! — disse o homem mais alto.

— Ele é igual ao George Clooney — sussurrou Jane no ouvido de Alice.

Era mesmo. Sem querer, Alice ficou um pouco mais animada. Parecia que tinha acordado num episódio de *ER*.

— Oi, moça — cumprimentou George Clooney, agachando-se ao lado das duas com as mãos grandes apoiadas nos joelhos. — Qual é o seu nome?

— Jane — respondeu Jane. — Ah. O nome dela é Alice.

— Qual é o seu nome completo, Alice? — perguntou George, segurando o braço dela com delicadeza e encostando dois dedos para sentir sua pulsação.

— Alice Mary Love.

— Levou um tombinho, não foi, Alice?

— Parece que sim. Não lembro.

Alice se sentiu importante e com vontade de chorar, como em geral acontecia quando ela conversava com qualquer profissional de saúde, até mesmo um farmacêutico. Culpava sua mãe por isso, porque ela fizera uma tempestade em copo d'água toda vez que Alice ficava doente na infância. Ela e Elisabeth eram exageradamente hipocondríacas.

— Você sabe onde está? — perguntou George.

— Na verdade, não — respondeu Alice. — Parece que numa *academia*.

— Ela caiu na aula de step — disse Jane, ajeitando a alça do sutiã por debaixo da blusa. — Eu vi quando aconteceu. Ela deu um mortal para trás impressionante e bateu a cabeça no chão. Ficou desmaiada por uns dez minutos.

A menina do Step Crazy voltou, balançando o rabo de cavalo. Alice reparou, impressionada, em suas pernas compridas e lisas e em sua barriga dura e negativa. Parecia até de mentira.

— Acho que ela se desconcentrou por um minuto — disse a menina do Step Crazy para George Clooney, no tom confidencial usado numa conversa de dois profissionais. — Realmente não recomendo esse tipo de aula para grávidas. Eu *perguntei* se alguém estava grávida.

— Você está com quantas semanas, Alice? — perguntou George.

Ela se preparou para responder, mas, para sua surpresa, teve um branco.

— Treze — disse ela, após um segundo de hesitação. — Quer dizer, quatorze. Quatorze semanas.

Eles tinham feito a ultrassonografia de doze semanas há pelo menos quinze dias. Passinha tinha dado um pulinho engraçado, tipo um passo de dança disco, como se alguém houvesse cutucado suas costas e, depois, Nick e Alice ficaram tentando imitar o gesto para as pessoas. Todo mundo tinha sido educado e afirmado que era mesmo impressionante.

Alice levou uma das mãos à barriga de novo e, pela primeira vez, notou que estava usando tênis de corrida e meias brancas, um short preto e uma regata amarela com um adesivo dourado. Parecia um dinossauro com um balão de diálogo, com as palavras “Eu quero é rock!” saindo da boca. Eu quero é rock?

— De onde vieram essas roupas? — perguntou ela para Jane. — Não são minhas.

Jane ergueu uma sobrancelha para George, com uma expressão significativa.

— Tem um dinossauro grudado na minha camiseta — disse Alice, atônita.

— Que dia da semana é hoje, Alice? — perguntou George.

— Sexta — respondeu ela.

Estava colando, porque Jane dissera que elas estavam fazendo a “aula de step de sexta”. Fosse lá o que isso significasse.

— Você lembra o que comeu no café da manhã?

Enquanto falava, George ficou examinando com gentileza a lateral da cabeça dela. O outro paramédico colocou um aparelho de medir pressão em seu antebraço e foi enchendo o balão de ar.

— Torrada com manteiga de amendoim?

Isso era o que ela costumava comer no café da manhã. Era um bom chute.

— Ele não *sabe* o que você *comeu* no café da manhã — explicou Jane. — Está querendo descobrir se você *lembra* o que comeu.

O aparelho de pressão apertou com força o braço de Alice. George se sentou sobre os próprios pés e disse:

— Por favor, Alice, me diga o nome do nosso ilustre primeiro-ministro.

— John Howard — respondeu ela, obediente.

Torceu para que ele não fizesse mais perguntas sobre política. Não era seu forte. Ela nunca conseguia se impressionar com nada.

Jane fez um barulho estranho e explosivo: uma risada de desdém.

— Hum. Ah. Mas ele ainda é o primeiro-ministro, não é? — disse Alice, mortificada.

As pessoas iam passar anos caçoando dela por isso. Ai, Alice, você não sabe quem é o primeiro-ministro! Será que ela perdera alguma eleição?

— Mas tenho certeza de que ele é o primeiro-ministro — insistiu.

— E em que ano nós estamos? — perguntou George, sem parecer muito preocupado.

— Em 1998 — respondeu Alice na mesma hora.

Disso tinha certeza. O bebê ia nascer no ano seguinte, em 1999.

Jane tapou a boca com a mão. George ia dizer algo, mas Jane foi mais rápida. Ela colocou uma das mãos no ombro de Alice e lançou um olhar penetrante para a amiga. Seus olhos estavam arregalados de comoção. Havia bolinhas minúsculas de rímel nas pontas dos seus cílios. Ela exalava uma combinação de deixar qualquer um tonto: desodorante de lavanda com bafo de alho.

— Quantos anos você tem, Alice?

— Vinte e nove, *Jane* — respondeu ela, irritada com o tom dramático da outra e sem entender aonde queria chegar. — A mesma idade que você.

Jane se afastou, olhou para George Clooney com uma expressão triunfante e disse:

— Acabei de receber o convite da festa de quarenta anos dela.

Este foi o dia em que Alice Mary Love foi à academia e, num descuido, perdeu uma década de vida.